

CL não é um lobby, mas uma força de mudança

por Andrea Simoncini*

Senhor Diretor,

Peço-lhe a oportunidade de intervir porque Comunhão e Libertação continua a ser apontado pelos jornais como um “partido” ou um “lobby” político. Em relação a esta imagem distorcida gostaria de tentar oferecer uma ideia positiva do que é CL e de qual pode ser a sua real contribuição também para o debate político.

O objetivo de milhares de pessoas que atualmente compartilham a proposta de CL não é constituírem um lobby ou correntes partidárias. Na verdade, existe hoje uma questão bem mais radical e decisiva à qual ninguém – incluindo políticos e jornalistas – se pode subtrair e que é: como viver? O que é que dá forças a um homem ou uma mulher para continuarem tendo esperança, quando tudo diz o contrário? O não se dar conta de como estas perguntas são pungentes e formam a própria trama da vida é já um sintoma evidente de como a política sofreu um distanciamento irreversível da vida prática (ou seja, “política” no verdadeiro sentido).

Dir-se-á: “É uma resposta espiritualista, abstrata”. Mas, na realidade, é exatamente o oposto! Para nos darmos conta disso, vejamos o panorama político italiano. A paisagem é a do filme *The day after*: um mundo povoado de bandos rivais, prontos a eliminarem-se uns aos outros pela mínima recompensa. Deixou de haver interesse pelo debate porque já todos sabem como vai terminar: para uns a culpa é dos outros, e vice-versa; estão unicamente à procura de um bode expiatório.

Mas se formos efetivamente realistas temos de admitir, vendo-nos ao espelho, que fomos todos atingidos por uma espécie de radiação mutante. É como se hoje todos tivéssemos ficado sem energias; já não há razões que nos estimulem a assumir uma responsabilidade, seja esta privada ou pública. Face às necessidades, a primeira coisa que se pergunta é: “O que faz o Estado?” ou “O que fazem ‘eles’?” Pois bem, diante de uma condição destas, o que é que pode acionar outra vez essa energia? O que é que pode suscitar um sujeito capaz de iniciativa, até na política? É então que se compreende que a pergunta “Como viver?” não é abstrata. Aquilo de que hoje existe autêntica necessidade, realmente, é uma hipótese ideal tão atrativa e humana que por ela valha a pena sacrificar-nos e construir. E assim chegamos ao ponto decisivo: a esta necessidade não consegue responder a política, e muito menos a anti-política.

A questão é mais radical. Diz respeito àquilo que é capaz de restituir ao homem a sua estatura, a sua grandeza que, paradoxalmente, é ser limitado, mas é também a capacidade de “usar” as suas necessidades como força propulsora para uma busca mais intensa e para uma construção mais inteligente.

Comunhão e Libertação nasceu justamente da intuição de que uma fé cristã que não fosse capaz de responder a estas interrogações da vida seria, mais cedo ou mais tarde, varrida da história. O desafio para o qual CL existe é o seguinte: mostrar a pertinência da fé às questões reais da vida; com efeito, a fé tem uma característica inconfundível – desperta o humano, ou

seja, a capacidade do homem de viver as circunstâncias ordinárias da vida sem sufocar. É precisamente por este motivo que hoje uma fé realmente vivida pode dar uma contribuição real para a nossa situação. A fé não é um “*a priori*” mas sim uma verificação que nasce do encontro com Cristo e que convence na prova dos fatos. Só sendo ele mesmo é que CL pode contribuir para a vida de todos, não certamente “dirigindo” as ações de outros ou elaborando estratégias partidárias mas, como sempre temos repetido, com a sua própria existência, porque a vida de uma comunidade cristã é em si mesma um fato “político”, público.

E como é que uma comunidade cristã contribui para a vida pública? Formando sujeitos capazes de assumir uma responsabilidade na sociedade, também na política. É claro que as tentativas políticas das pessoas são falíveis – sempre as definimos como “irônicas” – e portanto até se podem revelar erradas, porque nascem da liberdade dos indivíduos e acionam a responsabilidade de cada um. Mas quem é pai ou mãe sabe bem como é doloroso, porém absolutamente necessário, respeitar a liberdade dos seus filhos e não se substituir nunca ao seu risco pessoal.

O Papa Francisco resumiu este dever na sua entrevista às revistas dos Jesuítas: “Não é preciso privilegiar os espaços públicos [...]. Nós devemos desencadear os processos, mais do que ocupar espaços. Deus manifesta-Se no tempo e está presente nos processos da história. Isso faz privilegiar as ações que geram novas dinâmicas. E exigem paciência, espera”. A nós não interessa ocupar espaços, mas que a pessoa possa começar a mudar. De resto, nascemos da amizade com Dom Giussani, que sempre nos recordou que as forças que mudam a história são as mesmas que mudam o coração do homem.

** Membro do Conselho de Presidência de Comunhão e Libertação*